



## PSICANÁLISE E GENÉTICA MÉDICA: ARTICULAÇÃO POSSÍVEL EM TORNO DO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROMES GENÉTICAS

Eixo Horizontal: EH12: PESQUISA, PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO  
Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Andréa Sousa Varela;

O presente trabalho é resultado de pesquisa de doutorado realizada em cotutela entre Université Paris-Diderot e USP. Através dos estudos sobre a Síndrome do X frágil, propusemos uma aproximação entre os distintos campos de saber, psicanálise e genética médica no que concerne ao tratamento das crianças síndrômicas. Para tanto, utilizamos os avanços nos estudos em epigenética, via considerada privilegiada de interseção entre as práticas supracitadas. A epigenética considera que o meio ambiente é capaz de alterar a expressão dos genes. A ideia de que o ambiente é capaz de alterar a atividade dos genes quebra com um certo determinismo genético outrora acreditado, abrindo espaço para se pensar a singularidade. Nosso trabalho propõe a ampliação do conceito de ambiente, considerando nele a relação da criança com o Outro, lugar da linguagem, como operadora de marcas no seu corpo: marcas simbólicas, constituídas desde os primórdios do encontro do infans com seus cuidadores. É justamente nesse ambiente de trocas com o Outro que se dá a emergência de um sujeito. Apresentamos as recentes pesquisas do campo epigenético que indicam as práticas psicoterápicas como ambiente potencial capaz de provocar e até mesmo reverter marcas epigenéticas nas populações estudadas. Indicamos como exemplo a pesquisa conduzida por Perroud e seus colaboradores (2013). Os pesquisadores realizaram um ensaio com 115 pacientes diagnosticados com transtorno da personalidade borderline e um grupo controle de 52 indivíduos. O objetivo era comparar a metilação do DNA da proteína BDNF (brain-derived neurotrophic factor) – proteína envolvida no neurodesenvolvimento – dos sujeitos BPD e do grupo controle. De acordo com os autores, estudos recentes demonstraram que essa proteína estaria implicada no transtorno borderline, levando aqueles a supor que a alteração do nível da BDNF poderia ser consequência de mecanismos epigenéticos provocados por maus-tratos na infância. Os outros dois objetivos da pesquisa eram observar se a alta metilação da BDNF nos pacientes BPD estavam relacionados aos maus-tratos na infância e, por último, avaliar se os processos epigenéticos poderiam ser modificados através de psicoterapia específica nos pacientes BPD. Os resultados mostraram que a metilação da proteína BDNF dos pacientes BPD apresentava-se significativamente mais elevada do que a do grupo controle. Após quatro semanas de psicoterapia, os indivíduos avaliados apresentaram mudanças na metilação nas ilhas CpG do DNA, e aqueles que melhor responderam ao tratamento alcançaram os mesmos níveis da metilação do grupo controle. Os pesquisadores concluíram que “os resultados ressaltam o fato de que as mudanças de metilação nas ilhas CpG são associadas com as respostas ao tratamento, independentemente do método utilizado para tratar os pacientes” (PERROUD et al, 2013, p.04). Destacam, contudo, que a duração do tratamento foi relativamente pequena e que um tratamento mais longo possibilitaria resultados mais concretos. Desta forma, ao indicarmos pesquisas que consideram a psicoterapia enquanto ambiente capaz de influenciar a metilação dos genes, apostamos que a prática psicanalítica também possa ser considerada como potencial ferramenta de mudanças sintomáticas nos quadros clínicos apresentados pelas crianças com síndromes genéticas.